

Sobre os ombros de gigantes

Christiane Vecchi da Paixão¹

Juliana Corte Vitória²

*“Se consegui ver mais longe é porque estava sobre os ombros de gigantes”.*³ Imortalizada por Isaac Newton, mas atribuída originalmente ao monge medieval Bernardo de Chartres, esta frase tornou-se ao longo dos séculos uma daquelas que ecoam em nossas mentes como parte do patrimônio da sabedoria humana.

Podemos pensar a construção da ciência como análoga à imagem de uma pirâmide, onde nenhum conhecimento nasce se não tiver bases nas quais se apoiar, nada nasce no vácuo. Deste modo, é pela impossibilidade de uma única ciência ou teoria responder a todas as questões que se pode produzir novo conhecimento. Sabemos que a expansão da ciência se apoia nessa premissa, o conhecimento é sempre provisório. Em ombros de gigantes metaforiza a condição humana que coloca a todos na posição de filhos de alguém, tributários de uma herança que a reconheça.

A imagem que escolhemos para ilustrar a capa da nossa revista – Monsieur Legend – obra da artista Marília Fayh, capta de maneira essencial o sentido do que dissemos ao colocar a criança nos ombros de alguém, podendo vislumbrar a potencialidade de um mundo que se abre a partir da apresentação de um horizonte oferecido por um outro. A partir do olhar da criança, todo adulto é um gigante, porém com o despojamento da onipotência infantil, percebe-se que ainda há muito o que se fazer. Assim, haveremos de poder transitar da condição de sermos

1 Psicanalista, membro pleno CEPdePA e membro associado da SBPdePA.

2 Psicanalista, membro efetivo CEPdePA.

3 Isaac Newton em carta a Robert Hooke de 15 de fevereiro de 1676.

filhos de alguém para a condição de parturientes mantendo o laço com os que nos precederam. A psicanálise, essa disciplina que adotamos como forma de ganhar a vida, e os psicanalistas não escapam a essa lógica que nos fala da transmissão, construção e sobretudo sobre a transitoriedade.

Inspirados nesta viagem à terra dos gigantes, inauguramos nesta edição um espaço de encontro com autores que deixaram suas heranças, mas que nem sempre são tão lembrados. Voltando nosso olhar a eles, escolhemos começar revisitando Wilhelm Reich, autor tão genial quanto esquecido, mas que, sem sombra de dúvida, deixou sua marca. A seção *Lendo os Clássicos Psicanalíticos* pretende fazer um tributo a esses psicanalistas que também fizeram a história e nos deixaram um importante legado, tendo criado conceitos, teorias, costuras que visavam dar novos destinos ao sofrimento humano.

Os trabalhos publicados neste número de temática livre falam de assuntos da contemporaneidade como a violência, seja ela no setting analítico, seja na cultura. Os conceitos psicanalíticos fundamentais são aplicados à escuta do sofrimento humano dentro da sala de aula e no esporte. Encontramos ainda o pensar psicanalítico sobre o feminino, a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, conteúdos tão conhecidos e complexos quanto potencialmente capazes de ser repensados e revistos.

Acompanha esta edição a publicação do trabalho que ganhou o Prêmio Tuti.

Por fim, queremos agradecer a confiança dos colegas expressa no gesto de desejarem publicar na revista do CEPdePA. Esperamos que o leitor encontre nesses artigos, além da satisfação da leitura, a inspiração para produzir novos textos e assim manter acesa a chama pelo nosso ofício de psicanalistas, tão difícil e complexo quanto apaixonante.

Boa leitura!